

Revista Portuguesa
de História

pela reflexão e pela experiência, por vezes tão cruel, não pode deixar indiferentes.

Glosando os próprios conceitos de Marc Bloch e aplicando-os ao seu caso, eu direi em seu louvor, ao terminar esta notícia, que ele conseguiu, se não desviar, pelo menos alargar o caminho dos historiadores. E, sem ele, esse caminho seria certamente menos firme, e certamente também menos luminoso.

TORQUATO DE SOUSA SOARES

Mons. José Augusto Ferreira

Após uma vida de intenso labor científico, morreu em Braga, a 3i de Janeiro de 1944, Mons. José Augusto Ferreira, que, apesar de octogenário, continuava ainda as suas investigações sobre a história das misericórdias.

Nascido em Braga a 2 de Janeiro de 1860, seguiu os estudos eclesiásticos no Seminário da mesma cidade, onde, após a conclusão do curso teológico, foi professor de geografia, história e literatura, desde 1880 a 189?.

A 8 de Julho deste último ano, foi nomeado pároco de Vila do Conde, tendo-lhe esta vila-museu proporcionado a oportunidade de estudar e promover o restauro dos seus notáveis monumentos.

Tanto aqui como depois do seu regresso a Braga, em 1921, foi sempre um incansável investigador, como o demonstram os seus trabalhos sobre arqueologia, liturgia, arte e história, a sua valiosa colaboração em revistas, e as comunicações que apresentou à Academia das Ciências e a diversos congressos.

Se é certo que alguns dos seus trabalhos estão já superados por investigações de outros historiadores — v. g. os *Estudos histórico-litúrgicos* — ou se ressentem de uma deficiente crítica histórica, como as *Memórias arqueológico-históricas da cidade do Porto* não é menos verdade que Mons. Ferreira nos legou uma obra que, no seu conjunto, é de considerável merecimento histórico.

Dentre todos os seus trabalhos merecem especial referência os seguintes:

Memórias para a história dum scisma (1) em que estuda, com abundante informação, a rebeldia de D. Pedro IV que, a 12 de Outubro de 1831, escrevia de Paris ao Papa Gregorio XVI a protestar contra o reconhecimento de D. Miguel como rei, e ameaçando não reconhecer os prelados por ele apresentados. Mons. Ferreira descreve os sucessos que se verificaram desde que, a 3 de Março do ano seguinte, D. Pedro começou a nomear governadores e vigários capitulares para diversas dioceses sem autorização pontifícia, até que, em 10 de Maio de 1841, reinando D. Maria II, a situação se regularizou.

Memórias arqueológico-históricas da cidade do Porto. Fastos episcopais e políticos (2) são, afinal, a história da cidade desde as suas remotas origens. Embora apressadamente escritas, estas memórias teem o mérito de compendiar, relativamente a cada um dos prelados, uma soma abundante de informações a que os estudiosos da história da cidade portugalense recorrerão com proveito, mesmo quando a crítica lhes imponha uma revisão das conclusões do historiador.

A aprovação da reforma do rito bracarense pela bula de Bento XV *Sedis hujus apostolicae*, de 14 de Maio de 1919, levou Mons. Ferreira a escrever: *Estudos histórico-litúrgicos. Os ritos particulares das Igrejas de Braga e Toledo* (3), em que defende a existência de um rito suévico, que seria um desenvolvimento dos elementos litúrgicos enviados pelo Papa Vigilio ao bispo de Braga Profuturo, em 29 de Junho de 538, rito esse que o primeiro concílio bracarense de 561 tornaria obrigatório. Em sua opinião, o actual «rito bracarense é substancialmente a continuação do rito suévico» (4); mas investigações mais recentes dos Drs. António de Vasconcelos (5) e Pierre David (6) vieram demonstrar que tal rito nunca existiu, tendo o actual rito bracarense origem nos livros litúrgicos romano-francos do séc. xii

(1) Braga, 1916.

(2) 2 vols. Braga, 1923 e 1924.

(3) Coimbra, 1924.

(4) *Obra cit.*, pág. y 5.

Por provisão de 12 de iMaio de 1925, o Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos incumbiu Mons. Ferreira de «refundir e continuar até nossos dias a *História eclesiástica de Braga*», publicada por D. Rodrigo da Cunha em 1534-1635. Mas, tendo o historiador chegado à conclusão, depois de examinar a bibliografia histórica do Arcebispado de Braga, anterior e posterior à *História* de D. Rodrigo da Cunha, que as *Memórias* de D. Jerónimo Contador de Argote «não nos dão um texto seguro e idóneo, que possa satisfazer as exigências da crítica moderna» (7), resolve refazer a história da diocese de Braga desde a sua origem, expurgando-a das tradições infundadas e das lendas inventadas pelos falsos cronicões, e propondo-se «dizer a verdade, e firmá-la numa base documental» (8). E assim, após alguns anos de investigação, publicou os *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga* (séc. ui — séc. xx)⁽¹⁰⁾ que, embora o Autor não considere ser uma história eclesiástica de Braga, mas apenas «um repositório de elementos e subsídios para ela, recolhidos com amor e carinho nos arquivos e cartórios» ⁽⁴¹⁾, tem o mérito de nos oferecer o produto de uma investigação muito apreciável pelo espírito crítico que a norteou.

Como complemento dos *Fastos*, e a pedido do actual Arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior, Mons. Ferreira escreveu ainda a *História abreviada do Seminário Conciliar de Braga e das escolas eclesiásticas precedentes* (séc. vi — séc. xx)⁽⁴¹⁾, em que, além do seminário fundado em 1572 por D. Frei Bartolomeu dos Mártires, estuda a escola aberta, no séc. vi, no mosteiro de Dume; a escola criada na catedral de Braga, no séc. xi; e o célebre colégio ou estudos públicos de S. Paulo, fundado em Braga em 1531, no qual ensinaram os humanistas Nicolau Cleonardo e João Vaseu.

⁽⁴⁾ *Notas litúrgico-bracarenses em «Opus Dei», vol. n, e em «Acta do congresso litúrgico romano-bracarense».*

^(*) *Études historiques sur la Galice et le Portugal du vi* au xiP siècle*, págs. 83-118 e 503-561.

⁽⁷⁾ *Fastos episcopais*, vol. 1, pág. 6.

⁽⁸⁾ *Ibidem*, pág. i5.

⁽¹⁰⁾ 4 vols. Famalicão, 1928-1935.

⁽¹¹⁾ *Ibidem*, pág. 16.

⁽¹²⁾ *Draga*, 1937.

Pelos serviços prestados à Igreja e à cultura nacional foi nomeado cónego da Sé de Luanda e depois cónego e mestre-escola da Sé de Braga, camareiro de honra de Sua Santidade e Proto-notário Apostólico.

Era sócio correspondente da Classe de Letras da Academia das Ciências, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e de outras agremiações culturais.

P.^e AVELINO DE JESUS DA COSTA

P.^e Francisco Manuel Alves

(Abade de Baçal)

Com a morte deste bondoso sacerdote, ocorrida em 13 de Novembro de 1947, desapareceu um dos mais probos e mais operosos investigadores históricos e arqueológicos do nosso país.

Sem a preparação nem o método que uma tão larga tarefa exigia, o P.^e Francisco Manuel Alves conseguiu, no entanto, com as suas *Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*, de que foram publicados onze volumes, reunir uma soma tal de fontes, que sempre será de louvar a sua tarefa verdadeiramente ingente, pensando, sobretudo, nos meios de que dispunha para a realizar. Não exageramos, por isso, considerando-a como um verdadeiro prodígio de tenacidade e devoção.

Nem pelo facto de se referirem apenas ao distrito de Bragança têm as suas *Memórias* menor projecção nacional, constituindo como como constituem elemento indispensável para o estudo da história portuguesa.

De facto, com o sub-título de *Repositório amplo de notícias corográficas, hidro-orográficas, geológicas, mineralógicas, hidrológicas, bio-bibliográficas, heráldicas, etimológicas, industriais e estatísticas interessantes tanto à história profana como eclesiástica do distrito de Bragança*, que figura nos sete primeiros volumes, apresenta o P.^e Francisco Manuel Alves uma série